

EXPERIMENTANDO A POESIA COLETIVA: UM CAMINHO PARA AUTONOMIA

ANDRADE, Aline Cunha de (UFPB/PPGL)
OLIVEIRA, Juliana Goldfarb (UFPB)

RESUMO

A linguagem poética aproxima-se, muitas vezes, do cotidiano infantil, em virtude da percepção lúdica, da brincadeira com palavras e, sobretudo, do caráter desautomatizador da poesia. Pensando nisso, este trabalho tem como objetivo apresentar as experiências obtidas na produção de um poema escrito coletivamente, por crianças entre 7 e 10 anos na oficina de “Arte da Palavra”, que compõe o núcleo de oficinas do Centro Cultural Piollin, em João Pessoa. O tema e o título do poema foram escolhidos em conjunto, possibilitando o desenvolvimento da autonomia e os versos foram construídos em diversas atividades lúdicas. O resultado do poema revelou a relação de identificação das crianças com a comunidade. Como fundamentação teórica base, utilizamos Paulo Freire (2010) e Hélder Pinheiro (2000).

PALAVRAS-CHAVES: Poesia coletiva; autonomia, literatura infantil.

Introdução

Neste trabalho nos propomos a apresentar as experiências obtidas na produção de um poema escrito por crianças da ONG Centro Cultural Piollin. O poema foi desenvolvido em diversas etapas, desde os primeiros estudos sobre poesia, até atividades lúdicas que desenvolvessem a integração e estimulassem a autonomia e criatividade, chegando à construção de versos, pensados a partir de uma temática em comum e concretizados de modo dinâmico, por cada uma das crianças participantes da atividade. O resultado final foi apresentado em um sarau poético, e a recepção de todos que assistiam proporcionou a organização de um “livrinho”, em que os próprios educandos ilustraram seus versos.

Nessa perspectiva, abordaremos tais etapas que constituíram todo o procedimento, a fim de perceber quais foram os fatores que possibilitaram esse trabalho com o gênero poético, e quais consequências foram marcantes no processo de aprendizagem dessas crianças.

O referente trabalho é dividido em três momentos: a apresentação do Centro Cultural Piollin, e a relação da instituição com a arte e literatura; o estudo da poesia e os

primeiros contatos das crianças com esse gênero; e, por fim, a construção e apresentação do poema coletivo.

1 *O que é que o Piollin tem?*

O Centro Cultural Piollin é uma Organização Não Governamental, que desenvolve ações educativas para crianças, adolescentes e jovens, no município de João Pessoa, Paraíba. Voltada para o desenvolvimento de ações pedagógicas no âmbito da arte e da cultura, é um espaço que proporciona oficinas permanentes e gratuitas, para a comunidade local. Sejam elas: circo, teatro e arte da palavra. Atualmente, são desenvolvidas também as oficinas de cultura digital e identidade cultural.

Além da Escola Piollin que oferece as citadas oficinas para a comunidade, o Piollin abriga também grupos artísticos em sua sede: O Grupo de Teatro Piollin; Cia. de Circo-teatro Lua Crescente; Grupo de Teatro Graxa; Cia. de Circo Alegria; Quadrilha Junina Lajedo Seco e Grupo de Capoeira Palmares.

As ações desenvolvidas pelo Piollin objetivam uma formação integral das crianças, adolescentes e jovens da comunidade do Roger, bairro no qual se situa a ONG. Nesse sentido, busca-se que essa formação integral garanta ao indivíduo o autoconhecimento e um desenvolvimento crítico sociocultural, que propicie que os mesmo sejam sujeitos politicamente e socialmente atuantes. No campo das artes, foco do Piollin, deseja-se que a comunidade seja não apenas receptor do produto cultural, mas se constitua enquanto agentes da produção artística da comunidade.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Centro Cultural Piollin, pode-se eleger como palavras chaves para a ação pedagógica desempenhada: o coletivo, protagonismo, diferença e o diálogo. Destacamos o protagonismo, compreendido como a possibilidade do sujeito se constituir e (re)conhecer no outro a possibilidade de uma construção criativa, tendo consciência das suas escolhas e do seu papel nas organizações coletivas, visando a participação e a contribuição.

A ação pedagógica da escola Piollin é dividida a partir de quatro ciclos de formação: ciclo de formação básica (I), com participantes dos sete aos doze anos; ciclo de formação inicial (II), com participante de treze aos dezessete anos; ciclo de oficinas avançadas (III) e ciclo de vivências, que compreende jovens dos quinze aos vinte e um anos[1]. Ao todo, o Piollin oferece cerca de 80 vagas, destinando 60 vagas a comunidade do Roger, e as demais vagas à grande João Pessoa. Cada ciclo é formado

por um coletivo de 20 educandos, idade, maturação e afinidade com as atividades propostas.

O ciclo I – Formação Básica, objetiva despertar o auto-conhecimento , a interação com o grupo e o protagonismo. As metas para os educandos desse ciclo é despertar os conhecimentos de mundo e a atuação no grupo, disciplinar para o convívio no coletivo e, acima de tudo, sonhar. São oferecidas ao ciclo I as oficinas de circo, arte da palavra e artes plásticas.

O ciclo II – Formação Inicial, é dividido em dois módulos de um semestre cada, sendo o primeiro voltado para a apresentação do universo artístico nos seguimentos do circo e/ou teatro. O segundo consiste na montagem de espetáculos/experimentos praticando o estudo realizado no módulo anterior. As oficinas oferecidas para esse ciclo são: Circo, Teatro, Cultura Digital e Identidade Cultural.

No ciclo III Oficinas avançadas, são aprofundadas as relações, pessoal e interpessoal, como também o estudo e o domínio das técnicas de circo e teatro. As atividades buscam como meta mobilizar e formar os educandos. As oficinas oferecidas à este ciclo são as mesmas do ciclo anterior: Circo, Teatro, Cultura Digital e Identidade Cultural.

O ciclo IV Grupos de Vivência constitui o último ciclo que concretiza o fechamento da proposta de formar artistas ativos, críticos e protagonistas. Trata-se de um espaço onde há uma autogestão e um processo de transição e fechamento de uma etapa e o começo de outra etapa na vida social.

1.1 Arte da Palavra

A oficina de “Arte da Palavra”, dentro da qual foi desenvolvido o projeto de poesia coletiva aqui relatado, é voltada para o público infantil (Ciclo I – Formação Básica). A proposta busca integrar a literatura infantil com as linguagens visuais, as artes cênicas e, sobretudo, as experiências dos próprios educandos. Desse modo, o processo de leitura e produção textual reflete o universo e a realidade dos educandos, como percurso essencial para iniciação à literatura.

Antonio Candido (2007) ressalta que o livro serve para instrução e para imaginação. Para o autor, o direito à imaginação é tão importante quanto o direito à

instrução. E é esse direito à imaginação, que a literatura, veiculada pelo livro proporciona. Essa necessidade vital que o homem tem de imaginar está presente seja num simples devaneio enquanto está no ônibus, ou ao fazer planos, numa telenovela, ou mediado pelo livro. Dessa forma a literatura exerce sua força humanizadora, tanto conscientemente, quanto inconscientemente. Entende-se por humanização o processo de reflexão a cerca da problemática do mundo, da complexidade do ser humano, afinação das emoções, e da aquisição do saber, é o que nos torna abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante.

O espírito é um caos de ideias e a literatura encarrega-se de ordená-las. A literatura organiza nossa mente através do que diz de forma atraente e bem estruturada ao passo que também se infiltra no inconsciente na estruturação mental e afetiva. Um pensamento sistematizado aumenta o nosso coeficiente de racionalidade e a nossa capacidade de sentir, nos humanizando, como concluiu Antonio Candido (2007).

A necessidade de abordar a literatura em sala de aula como afirmação da identidade de um povo, é abordada por Paulo Coimbra Guedes (2006). Abordando o estigma da aula de português como mero estudo de gramática e a importância da construção de identidade a partir da prática de leitura e escrita, Guedes se posiciona a favor de um dos melhores métodos de ensino-aprendizagem, que proporciona o reconhecimento e a afirmação da identidade de um povo que, muitas vezes, não teve voz na construção da história de uma nação.

A proposta apresentada por Paulo Coimbra Guedes para o ensino de português é o ensino a partir da literatura brasileira, como forma de reconhecer as origens, fortalecer a identidade e reescrever a história acrescentando um ponto de vista por vezes excluído. A aliança gramática e literatura por muito tempo pareceu impossível. A literatura como atividade exclusiva de artistas foi um conceito elitista que permitiu separar quem pode ou não contar a história, e conseqüentemente, qual história será registrada como sendo a única e a verdadeira.

A literatura aparece como elo entre o ensino estigmatizado da gramática e a prática da escrita como atividade libertadora, dando um real sentido as aulas de português e ao ensino da língua.

Com base nessas concepções, apontamos uma prática docente que se baseia na formação do cidadão a partir da literatura, apresentada e utilizada no seu potencial de fortificar as identidades culturais e sociais de uma comunidade que se constitui enquanto agentes da produção artística da comunidade.

2 Experimentando a poesia

O Piollin organizou, para o fim do mês de Maio, seu *I Sarau Piollin*, e a intenção era que os educandos e educadores apresentassem suas próprias produções textuais. Contudo, essa tarefa seria mais difícil de ser realizada pelas crianças que compõem o Ciclo I, já que essas ainda estão em processo de aprendizagem da linguagem escrita e não tinham familiaridade com a linguagem (e com a construção) poética.

Além disso, a construção poética em sala de aula costuma ser um dilema entre os educadores, já que depende da capacidade criativa de cada um, e por isso, a qualidade dessa escrita poderia ser consequência de fatores subjetivos, como o lugar, o momento, a inspiração, etc.

A forma encontrada para que esses obstáculos não impedissem a apresentação das crianças no Sarau foi a de propor a elas que essa criação fosse feita coletivamente, de modo que todos pudessem se expressar o quanto se sentirem a vontade, e apenas a montagem do poema seria elaborada por nós.

Desse modo, durante todo mês de Maio, a oficina de “Arte da palavra” enfatizou o estudo da poesia. Se, por acaso as crianças ainda não tinham uma relação de proximidade com a poesia, a receptividade com os poemas de Sérgio Caparelli, José Paulo Paes, Eva Furnari, Roseana Murray, alguns poemas de Manuel Bandeira, Mário Quintana foi quase que instantânea: “a nota humorística, o jogo de palavras, a representação do universo animal”, como explicita Pinheiro (2000) são apenas alguns dos motivos da fácil aceitação do gênero por esse público. A isso podemos somar o caráter lúdico, o ritmo, as rimas, os efeitos sonoros e a linguagem desautomatizada, próxima à infantil.

Sobre o processo de leitura poética, Goldstein (2006), remetendo ao *Fantasia do autor*, de Fernando Paixão(2004), nos diz “ler poesia é “um modo de ser”: ser criança, ser criativo, ser aberto às sugestões do poema e às associações entre os elementos que o compõem”. Esses são alguns fatores que facilitaram que o processo de leitura poética fizesse parte do cotidiano diário dos educandos, sendo abordado, inclusive, como o momento de diversão, durante a contação de histórias.

Após o primeiro encontro, os elementos poéticos foram explorados (de modo introdutório), e algumas atividades lúdicas foram propostas durante esse momento de conceituação do que é poesia, através de jogos (como o *jogo da memória* com os elementos da poesia, a tradicional brincadeira da estátua tornou-se *estátua rimada*, em que a prenda era fazer uma rima com a palavra proposta e *todo mundo com a mesma letra*, em que trabalhávamos recursos estilísticos como a aliteração e assonância). O desejo de escrever e ser o autor de seu próprio poema foi aparecendo naturalmente, a partir do estímulo desses primeiros encontros.

1. O caminho para a (construção da) coletividade

No primeiro momento que foi anunciada à participação do Ciclo I no sarau, as crianças se mostraram um pouco receosas e inibidas com a proposta. Então, todas as atividades foram antecedidas de dinâmicas para ajudar a fluir a criatividade e a interação entre eles (como relaxamentos, mantras).

Outra atividade que antecedeu a construção do poema foi a de “completar o conto”, em que o aluno precisa inventar uma história oralmente, até o bater das palmas, e o outro ter que continuar onde parou, e assim sucessivamente.

O tema e o título do poema foram escolhidos em conjunto, possibilitando o desenvolvimento da autonomia. Durante o processo, perguntamos qual o tema que eles apresentar no poema e a resposta foi “Piollin”. Após isso, perguntamos porque essa escolha, o que eles têm interesse no Piollin. Todas as respostas foram anotadas, sendo essas o início para uma brincadeira mais difícil: O que tem no Piollin que rima com as palavras ditas anteriormente?

As palavras foram ganhando rimas inusitadas, como “ventilador” e “amor”. Outras palavras que eles não encontraram rimas, como “palhaço”, ou “salas”, “preencheriam” o meio do verso. O resultado do poema revelou a relação de

identificação das crianças com a comunidade (já que a ONG tem 35 anos e está situada em um engenho antigo, sendo um dos principais pontos turísticos do bairro do Roger) e com o Centro Cultural Piollin.

Em outro encontro, foi entregue a eles a lista das rimas construídas, e cada um pôde completar os espaços entre a(s) rima(s), de acordo com suas preferências, de um modo que remetesse a brincadeira de *completar palavras*, só que num verso. Após a escolha de pelo menos um verso de cada criança, e as devidas correções ortográficas, o fruto foi um poema que nos mostra tanto a relação que eles criaram com a instituição e, por conseguinte, nos permitiu uma avaliação do nosso local de trabalho, já que as crianças apresentam a visão que têm do tipo de gestão, espaço físico, oficinas, etc., como podemos verificar no poema abaixo:

Piollin de Coração

O que é que o Piollin tem?

O Piollin tem cultura, cozinha, computador,

Tem palhaço, banheiro e lápis de cor.

No Piollin tem o circo,

E tia Giovanna ensina tanto que ficamos de bico caído.

No Piollin, algumas salas têm quadro

E outras respiram teatro

No Piollin tem artes

E o vento das árvores.

No Piollin a gente aprende palavras muito mágicas.

E são elas: peteca, boneca, sapeca, biblioteca...

E lá, de tanto saber a gente fica careca!

No Piollin têm livros

E alguns contam histórias de bichos.

No Piollin as salas são muito boas

E depois das atividades ficamos à toa.

*O Piollin é muito divertido!
Os professores são amigos, legais, bonitos e unidos.
No Piollin algumas salas não têm ventilador,
Mas todas têm muito amor.*

*No Piollin tem giz,
Tem gente que pinta de vermelho o nariz
e deixa a gente feliz.*

*O que é que o Piollin tem?
Têm muitas coisas boas e diferentes.
Coisas loucas pra alegrar a gente!*

O poema também nos permite perceber o afeto que eles desenvolveram não só pelo ambiente que remete à liberdade, mas as pessoas que fazem parte do Centro Cultural. Desse modo, através do poema coletivo, pudemos fazer também algumas reflexões sobre nosso trabalho com eles, e como eles estabelecem a imagem da oficina de “arte da palavra”.

Para que eles se sentissem mais a vontade na hora da apresentação, os alunos gravaram o poema, e cada um contribuiu com a leitura do verso criado. Para a apresentação do poema no sarau, foi feito um trabalho interdisciplinar com a oficina de circo, ministrada pela arte-educadora Giovanna Lima.



Figura 1 Processo de gravação do poema coletivo.

Conclusão

Os alunos demonstraram bastante interesse e maturidade para encenar o poema de suas autorias, e isso contribuiu não só com a criatividade e com o fator linguístico, mas com a experiência de subjetivação e autonomia.

Para finalizar o projeto do mês, eles ilustraram seus versos, criando um livro intitulado *Piollin de Coração*. Foi perceptível a mudança das crianças, que antes não se sentiam a vontade com o processo de escrita, e hoje sentem desejo de escrever e de se expressar por meio da arte.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. A importância da leitura. In: **Cadernos de estudos ENFF: 2** Literatura e a formação de consciência. São Paulo: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PIGNATARI, Décio. *O que é comunicação poética*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

PINHEIRO, Hélder (org.). *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.